

A ciência como comunicação

Atividade

<i>Canal</i>	Revista Veja
<i>Título</i>	Mais moderna geração de remédios para diabetes vira arma contra a balança
<i>Lide (chamada)</i>	Mais moderna geração de remédios para diabetes vira arma contra a balança Com o aval da ciência, os medicamentos passam a ser utilizados com frequência para a perda de peso no mundo todo e também no Brasil
<i>Endereço</i>	https://veja.abril.com.br/saude/mais-moderna-geracao-de-remedios-para-diabetes-vira-arma-contr-a-balanca/
<i>Resultado científico original</i>	Once-Weekly Semaglutide in Adults with Overweight or Obesity Wilding et. al New England Journal of Medicine https://doi.org/10.1056/nejmoa2032183
<i>Elementos do incomum ou chamativo</i>	O potencial de perda de peso proporcionado pelas substâncias que possuem o efeito do hormônio GLP-1 para pessoas saudáveis
<i>Diversidade de fontes</i>	Há diversidade em termos quantitativos, mas não qualitativamente. Restringido a médicos ligados à endocrinologia. Como exceção cita-se a importância da atividade física
	Claudia Cozer Kalil, endocrinologista, coordenadora do Núcleo de Obesidade e Transtornos Alimentares do Hospital Sírio-Libanês, de São Paulo
	Fabiano Serfaty, clínico geral e endocrinologista
	Eduardo Rauen, professor de nutrologia da pós-graduação do Hospital Albert Einstein, em São Paulo
	Antonio Carlos do Nascimento, doutor em endocrinologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
	Organização Mundial de Saúde
<i>Pontos de vista contrastantes</i>	Não há. Embora uma das fontes alerte para riscos (“Há riscos, daí a necessidade de acompanhamento profissional”), não há consulta a outros tipos de abordagem ou a profissionais que tenham uma visão crítica ao tratamento “off label”
<i>Símbolos</i>	“Balança”, “apertar o cinto”, associados ao emagrecimento
<i>Mitos</i>	O texto utiliza metáforas bélicas, coloca a obesidade numa relação adversarial tanto contra o indivíduo como com a sociedade, numa atualização da luta do bem contra o mal <ul style="list-style-type: none">• “arma contra a balança”• “batalha contra os quilos a mais”• “clássico arsenal químico disponível”• “grande inimigo — à espreita, insidioso e traiçoeiro”
<i>Fragmentos ideológicos</i>	Ciência como critério infalível de verdade <ul style="list-style-type: none">• “Com o aval da ciência”• “Mais moderna geração de remédios”• “Verdade” [em relação a estudos realizados

- “sólidos estudos científicos”

Gordofobia, a obesidade constitui um “outro ser”

- “No cérebro dos gordos”
- “Para se sentirem saciados, portanto, os rechonchudos consomem mais alimentos”
- “organismo gordo”

Função fática

O texto em dois momentos refere-se a sua suposta precaução em tratar dos resultados apresentados

- “Com cuidado, insista-se...”
- “E aqui convém destacar, uma vez mais, sem exageros”

Função emotiva

O texto utiliza de situações limite, associando obesidade à mortalidade e fragilidade

- “preocupação dos pais com a alimentação infantil”
- “mecanismos da obesidade são comparados ao vício”
- “obesidade agrava a infecção pelo novo coronavírus”
- “Jovens com quilos extras sofrem muito mais”

Função poética

Não observada

Impactos para a sociedade

Coloca o resultado como “solução” para a problemática da obesidade
“Em um país com 26,8% de adultos obesos o impacto é brutal”.

Apelo retórico geral

Pode ser resumido na seguinte frase, ao final do texto:

“Emagrecer, portanto, é compulsório — e a injeção de armas usadas contra o diabetes pode ser útil”

Após esta análise, leia o artigo científico original, reflita e responda:

- Em que medida a notícia é fiel à comunicação primária?

O texto situa o resultado principal, isto é, a redução do peso corporal em 15% em média daqueles que fizeram uso do medicamento ao longo de um ano. Contudo, ocultou informações importantes como o fato de 5% dos participantes terem parado o tratamento devido a efeitos gastrointestinais adversos e a delimitação da população a pessoas obesas (IMC>30). Estes resultados, portanto, servem como base para justificar o efeito de perda de peso corporal provocado pelo remédio e a defesa deste como uma “arma” na cura da obesidade.

- Quais são elementos divergentes?

A principal divergência é em relação à situação de uso, pois enquanto ao artigo original se limita a obesos, toda argumentação da reportagem será em função de um uso mais amplo para tratar o problema individual e social da obesidade. A reportagem tampouco informa que o estudo foi patrocinado pela indústria farmacêutica Novo Nordisk, o que é feito na declaração de interesses conflitantes do artigo original.

- Em que medida ele atende aos imperativos mertonianos?

De fato, os imperativos mertonianos do desinteresse e comunismo são utilizados retoricamente, pois os resultados são apresentados como um benefício a humanidade e são ocultadas as relações econômicas subjacentes. Por sua vez, o ceticismo organizado também é utilizado como forma de convencimento, ao mencionar como diversos estudos e pesquisas têm confirmado, ao longo do tempo, a eficácia dessa classe de medicamento. Finalmente, a originalidade também é utilizada ao associar os resultados com o “moderno”.

- Qual a diferença em termos de apelo retórico?

Totalmente, o artigo científico apresenta linguagem monossêmica e delimita o alcance dos resultados. Apesar de contextualizar a problemática da obesidade na introdução, também o faz de forma objetiva, sem catastrofismo. A reportagem, por outro lado, utiliza de diversos elementos comunicacionais e linguísticos para argumentar que o fármaco deve ser utilizado de forma ampla, tanto por aqueles que são vulneráveis à obesidade, como por aqueles indivíduos saudáveis que desejem emagrecer.

- Como você avalia o trânsito entre a comunicação primária e a secundária?

A divergência e a descontextualização atuam em prol de uma medicalização da obesidade, além da defesa da prática *off-label*. A reportagem inclusive faz referência ao caso da liraglutida, há dez anos atrás, no episódio em que a própria Revista Veja causou “um dos mais ruidosos cismas no mercado farmacológico” ao promover de forma indiscriminada este medicamento para diabéticos. Curiosamente, não se identifica como agente dessa polêmica, a não ser indiretamente (“o tempo muitas vezes é o senhor da razão”). Avalio, portanto, como um novo episódio de conflito entre comunicação primária e secundária que somente pode ser compreendido a partir do contexto de produção científico e tecnológica atrelado a interesses industriais e comerciais poderosos.

Texto original

Mais moderna geração de remédios para diabetes vira arma contra a balança
Com o aval da ciência, os medicamentos passam a ser utilizados com frequência para a perda de peso no mundo todo e também no Brasil

Por Adriana Dias Lopes Atualizado em 23 abr 2021, 10h09 - Publicado em 22 abr 2021, 19h55

Há exatos dez anos, a chegada de um remédio para o diabetes tipo 2 no Brasil foi responsável por um dos mais ruidosos cismas no mercado farmacológico, ao deflagrar uma guerra entre os defensores e os detratores de seu uso como emagrecedor. A liraglutida — de nome comercial Victoza — começou a ser usada também por pessoas saudáveis que precisavam (ou queriam) perder peso. Tinham o aval de médicos responsáveis e competentes — prática na medicina conhecida como *off-label*, ou fora do rótulo, em tradução literal.

O estoque inicial, previsto para durar um mês, foi vendido em apenas uma semana. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) chegou a declarar publicamente que “o uso do produto para qualquer outra finalidade além do antidiabético caracteriza elevado risco sanitário para a saúde da população”. Como o tempo muitas vezes é o senhor da razão, sólidos estudos científicos comprovaram a eficácia e o reduzido risco da droga na luta com a balança — e agora, em 2021, ela se tornou a substância mais largamente prescrita nos consultórios particulares de endocrinologia. “É a classe de emagrecedores com ação mais natural já desenvolvida”, diz Antonio Carlos do Nascimento, doutor em endocrinologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

A estatística ajuda a entender o interesse pelo medicamento. Dos 40 milhões de brasileiros na batalha contra os quilos a mais, 16 milhões não conseguem perder peso apenas com mudanças no estilo de vida. Desse grupo, metade apresenta alguma restrição ao clássico arsenal químico disponível, as anfetaminas e a sibutramina, que atuam no sistema nervoso central.

A liraglutida “imita” no organismo um hormônio, o GLP-1, ligado à produção de insulina (eis a ação no diabetes) e à sensação de saciedade (com menos fome, perde-se peso). “Ela não está isenta

de efeitos colaterais, como náusea, dor abdominal e constipação, mas permitiu finalmente incluir até mesmo pessoas mais fragilizadas nos tratamentos para emagrecer, como doentes psiquiátricos, com câncer e problemas de coração”, diz a endocrinologista Claudia Cozer Kalil, coordenadora do Núcleo de Obesidade e Transtornos Alimentares do Hospital Sírio-Libanês, de São Paulo. No início deste ano, um segundo remédio antidiabético de mesma linha, e que já vinha sendo sobejamente aplicado no Brasil, a semaglutida (nome comercial Ozempic) comprovou ter efeito semelhante em estudo publicado na reputada revista *The New England Journal of Medicine*. Diferentemente das anfetaminas, ambos são isentos de prescrição médica. Convém, portanto, a regra de obrigatório bom senso: procurar um médico. “Há riscos, daí a necessidade de acompanhamento profissional”, diz o clínico geral e endocrinologista Fabiano Serfaty. “Mas os estudos têm mostrado resultados bastante impressionantes.”

Verdade. Em média, de acordo com as pesquisas citadas por Serfaty, a perda de gordura proporcionada pelas novas drogas gira em torno de 15% do peso inicial ao longo de um ano, taxa 40% superior ao que se vai com recursos habituais. Em um país com 26,8% de adultos obesos (veja no quadro acima) o impacto é brutal. Afora os raros casos associados exclusivamente à hereditariedade, a culpa dos quilos extras é o excesso de comida consumida. Em tempos de pandemia, ressalve-se, com famílias inteiras trancafiadas em casa, as refeições (e as tentações) se transformaram em atrativo ainda maior. E, como num círculo vicioso, quanto mais se exagera no prato, mais se quer comer. Os mecanismos da obesidade são comparados ao vício, sim, por envolverem o sistema cerebral de recompensa. No cérebro dos gordos pode haver uma deficiência na atividade da dopamina, um neurotransmissor associado ao prazer. Para se sentirem saciados, portanto, os rechonchudos consomem mais alimentos. O açúcar, sobretudo, capaz de estimular muito rapidamente o aumento da dopamina, é o grande inimigo — à espreita, insidioso e traiçoeiro, desde os primeiros anos de vida, daí a necessária preocupação dos pais com a alimentação infantil feita à base de alimentos ultraprocessados.

Jovens com quilos extras sofrem muito mais para emagrecer quando crescem. Adultos que foram obesos na infância vivem até dez anos menos em relação aos que mantiveram uma vida com regras alimentares. É até os 20 anos que o número de células de gordura é definido no organismo. A partir de então, nada é capaz de diminuir essa quantidade — nem a mais rigorosa das dietas. Quando se perde peso, as células adiposas apenas perdem volume, mas continuam lá, ávidas para recuperar a dimensão anterior. E aqui convém destacar, uma vez mais, sem exageros, o papel da liraglutida. Há menos de um ano, o remédio recebeu o aval inédito para ser usado em meninas e meninos com idade a partir de 12 anos, com bons resultados.

Contudo, apesar do sucesso medicamentoso, não se pode ignorar, muito pelo contrário, o papel primordial, em crianças e adultos, da atividade física. “A prática regular não só aumenta o gasto calórico, como traz o bem-estar essencial para manter a força de vontade na dieta”, diz Eduardo Rauen, professor de nutrologia da pós-graduação do Hospital Albert Einstein, em São Paulo. Há poucos meses, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apertou o cinto em relação ao tempo ideal a ser dedicado aos exercícios para impactar na saúde, recomendando o dobro que estava estabelecido por décadas. Adultos de 18 a 64 anos devem praticar de 150 a 300 minutos por semana de treino moderado (como caminhada ou jardinagem, por exemplo), ou de 75 a 150 minutos se a intensidade for vigorosa (corrida e subir escadas). Ou seja, nada, nem mesmo o mais decisivo remédio, faz milagres isoladamente. É aprendido que não pode sair da pauta — especialmente agora, com a eclosão das internações e mortes em decorrência da Covid-19.

Recentemente, minuciosos estudos em torno das comorbidades associadas à pandemia mostraram que a obesidade agrava a infecção pelo novo coronavírus, podendo aumentar em até quatro vezes o risco de morte depois do contágio. Um organismo gordo tem capacidade reduzida para produção de anticorpos e o tecido adiposo funciona como reservatório para o vírus. Emagrecer, portanto, é

compulsório — e a injeção de armas usadas contra o diabetes pode ser útil. Com cuidado, insista-se, ainda que soe repetitivo o zelo.